

A CONSTRUÇÃO DO CAMPO DA

Saúde Coletiva

Fernanda Miguel de Andrade
(Organizadora)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

A construção do campo da saúde coletiva

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Maiara Ferreira
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Fernanda Miguel de Andrade

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C758 A construção do campo da saúde coletiva / Organizadora
Fernanda Miguel de Andrade. – Ponta Grossa - PR:
Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-063-3

DOI 10.22533/at.ed.633211705

1. Saúde. I. Andrade, Fernanda Miguel de
(Organizadora). II. Título.

CDD 613

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A coleção “A Construção do Campo da Saúde Coletiva” é uma obra composta por 2 volumes. O volume 1 é constituído por vinte capítulos que trazem estudos que analisaram a conduta dos profissionais de saúde na prática assistencial, e o impacto do fortalecimento, do investimento financeiro, do gerenciamento eficiente e da ampliação da atenção básica à saúde. Além disso, neste volume é possível constatar a importância da presença de conteúdos de aprendizagem em material educativo em saúde, também foi averiguado o grau de conhecimento de pacientes atendidos nas unidades de saúde sobre suas patologias. Os estudos que compõem o volume 1 desta obra apontam estratégias para melhorias nos serviços de saúde, objetivando aumentar o nível de segurança ao paciente, melhorar a qualidade de vida dos pacientes e dos profissionais de saúde, promover a diminuição dos custos no sistema de saúde, a otimização da acessibilidade aos serviços de saúde e da educação em saúde, incentivando a realização do autocuidado efetivo e consequentemente evitando complicações futuras ao paciente.

O volume 2 é composto por vinte e quatro capítulos que trazem estudos multidisciplinares no campo da promoção da saúde, apresentando contextos históricos ao longo dos anos que apontam a importância do papel da sociedade na prevenção de problemas de saúde e na manutenção do estado de saúde. Demonstram que o cuidado da saúde física e mental, acompanhamento com especialistas, e condições sanitárias adequadas são estratégias importantes para evitar doenças e suas complicações.

Deste modo a obra “A Construção do Campo da Saúde Coletiva” apresenta estudos fundamentados e atuais, descritos de maneira didática e com uma linguagem científica acessível, se tornando um importante instrumento de divulgação científica de resultados importantes que refletem a nossa sociedade.

Fernanda Miguel de Andrade

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A HIGIENIZAÇÃO DAS MÃOS COMO IMPORTANTE FERRAMENTA PARA REDUZIR O RISCO DE INFECÇÕES HOSPITALARES

Pamela Nery do Lago
Flávia Cristina Duarte Silva
Paola Conceição da Silva
Ronaldo Antônio de Abreu Junior
Liane Medeiros Kanashiro
Samanntha Lara da Silva Torres Anaisse
Michelly Angelina Lazzari da Silva
Livia Sayonara de Sousa Nascimento
Fabiana Ribeiro da Silva Braga
Danielle Freire dos Anjos
Fernanda Ghesa Oliveira SantAnna Moraes Carvalho
Juliane Guerra Golfetto

DOI 10.22533/at.ed.6332117051

CAPÍTULO 2..... 8

ANÁLISE DESCRITIVA DAS INTERNAÇÕES POR CONDIÇÕES SENSÍVEIS A ATENÇÃO BÁSICA FRENTE A IMPLANTAÇÃO DA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA NO MUNICÍPIO DE MARIÁPOLIS-SP

Tayná Vilela Lima Gonçalves
Taiany Flaviany Lucia De Sousa
Fernando Augusto Horikawa Leonardi
Márcio José Garcia Borges

DOI 10.22533/at.ed.6332117052

CAPÍTULO 3..... 18

ANÁLISE DOS CONTEÚDOS DE APRENDIZAGEM EM UM MATERIAIS EDUCATIVOS SOBRE HANSENIASE

Alessandra Aparecida Vieira Machado
Danielly Ferri Gentil
Mayara Paula da Silva Marques Hortelan
Antônio Sales

DOI 10.22533/at.ed.6332117053

CAPÍTULO 4..... 27

ANÁLISE DO GRAU DE CONHECIMENTO SOBRE O DIABETES E PERFIL ALIMENTAR DE PORTADORES DE DIABETES MELLITUS TIPO 2 DE UMA UNIDADE DE SAÚDE DA FAMÍLIA NO MUNICÍPIO DE CUIPIRA, PERNAMBUCO, BRASIL

Maria Viviane Alves Ferreira
Rosalva Raimundo da Silva
Lais Amorim Queiroga Carneiro da Cunha
Elisa de França Luna
Carla Maria Bezerra de Menezes
Andrei Felipe Loureiro do Monte Guedes

Ana Maria Rampeloti Almeida
DOI 10.22533/at.ed.6332117054

CAPÍTULO 5..... 40

APESAR DE VOCÊ AMANHÃ HÁ DE SER OUTRO DIA: A INTERFERÊNCIA DO TRABALHO NA VIDA DOS AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE

Tiago Pereira de Souza
Paulo Antônio Barros Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.6332117055

CAPÍTULO 6..... 54

ASSISTÊNCIA AO PACIENTE COM TUBERCULOSE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

Victor Guilherme Pereira da Silva Marques
Célio Pereira de Sousa Júnior
Graciele da Silva Carvalho
Elielson Rodrigues da Silva
Marks Passos Santos
Mariel Wágner Holanda Lima
Bruno Santos Souza
Rodrigo Andrade Leal
Ana Carla Almeida de Melo
Tarcísio Gonçalves de Souza Santos

DOI 10.22533/at.ed.6332117056

CAPÍTULO 7..... 60

ATENDIMENTOS AMBULATORIAIS EM PRÁTICAS INTEGRATIVAS COMPLEMENTARES NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE DO BRASIL: UM ESTUDO DE SÉRIE TEMPORAL DE 2017 A 2019

Isabel Cristina Ribeiro Regazzi
Virginia Maria de Azevedo Oliveira Knupp
Kamile Santos Siqueira
Janaína Luiza dos Santos
Jane Baptista Quitete
Diana Paola Gutiérrez Diaz de Azevedo
Pedro Henrique Teles Ferreira
Pedro Regazzi Barcelos
Gilberto Santos de Aguiar
Riva Schumacker Brust
Daniel Erthal Hermano Caldas
Marcia da Rocha Meirelles Nasser

DOI 10.22533/at.ed.6332117057

CAPÍTULO 8..... 76

AVALIAÇÃO DA CAMPANHA “OUTUBRO ROSA” DE ACORDO COM A REALIZAÇÃO DE MAMOGRAFIAS NO MÊS DE OUTUBRO EM ALAGOAS, ENTRE 2015 E 2020

Amanda de Souza Soares
Gabrielle Moraes de Deus Araújo
Renata Marcela Cavalcante Ferreira Ferro

Beatriz Brito Ribeiro
Camila de Barros Prado Moura-Sales

DOI 10.22533/at.ed.6332117058

CAPÍTULO 9..... 86

CAPACIDADE DISCRIMINATIVA DA ESCALA DE BRADEN NA PREDIÇÃO DE LESÃO POR PRESSÃO EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA

Graziela Argenti
Gerson Ishikawa
Cristina Berger Fadel

DOI 10.22533/at.ed.6332117059

CAPÍTULO 10..... 100

EDUCAÇÃO EM SAÚDE: ORIENTAÇÕES DE AUTOCUIDADO EM HOMENS DIABÉTICOS NA ATENÇÃO BÁSICA EM SAÚDE

Maria Julia de Lima
Jullyendre Alves Teixeira da Silva
Beatriz Krull Elias
Natalia Maria Maciel Guerra da Silva

DOI 10.22533/at.ed.63321170510

CAPÍTULO 11..... 106

INSTRUMENTO PARA APLICAÇÃO DA SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PACIENTE HIPERTENSO - NÍVEL DE ATENÇÃO SECUNDÁRIA

Dimily Kaelem Carvalho do Nascimento
Ana Caren dos Santos Paz
Marcia Eduarda Rios Rodrigues
Geovana Rachel Figueira Coelho
Michele da Costa Melo
Giselle Caroline Carvalho Ribeiro
Natália de Carvalho Coelho
Ana Beatriz Vieira Lima
Luan de Sousa Loiola
Maicon Tavares Pontes
Milena Lima de Sousa
Maria Luiza Nunes

DOI 10.22533/at.ed.63321170511

CAPÍTULO 12..... 118

INTEGRAÇÃO ENTRE ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA E VIGILÂNCIA EM SAÚDE: UMA INTERVENÇÃO SOBRE DTAH NO MUNICÍPIO DE ACARAÚ-CE

Vanessa Silva Farias
Ricardo Costa Frota
Dennis Moreira Gomes
Natália Reis de Carvalho
Marcionília de Araújo Lima Neta
Catarina de Vasconcelos Pessoa
Maria Socorro Carneiro Linhares

DOI 10.22533/at.ed.63321170512

CAPÍTULO 13.....	124
INTEGRALIDADE NA ASSISTÊNCIA À SAÚDE: AVALIANDO O AGENDAMENTO DE CONSULTAS DERMATOLÓGICAS NO MUNICÍPIO DE ACARAÚ-CE	
Vanessa Silva Farias	
Ricardo Costa Frota	
Dennis Moreira Gomes	
Maristela Inês Osawa de Vasconcelos	
Izabele Mont`Alverne Napoleão Albuquerque	
Natália Reis Carvalho	
Marcionília de Araújo Lima Neta	
DOI 10.22533/at.ed.63321170513	
CAPÍTULO 14.....	131
INTERAÇÕES SOCIAIS E SÍNDROME DE ESGOTAMENTO NO TRABALHO (BURNOUT) EM PROFISSIONAIS DA SAÚDE	
Eraldo Bittencourt de Gouvêa	
DOI 10.22533/at.ed.63321170514	
CAPÍTULO 15.....	144
PARTICIPAÇÃO POPULAR COMO PRINCÍPIO ORGANIZATIVO DO SUS	
Alan Bruno da Silva Nunes	
Beatriz Batista Borges	
Maria Fernanda Carlos Pereira Liro	
Jorge Costa Neto	
Mary Lee dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.63321170515	
CAPÍTULO 16.....	152
PÊNFIGO VULGAR: DO DIAGNÓSTICO AO TRATAMENTO MULTIDISCIPLINAR NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE	
Bianca Borges Romeiro Caetano	
Caren Serra Bavaresco	
Rubem Beraldo dos Santos	
Flávio Renato Reis de Moura	
DOI 10.22533/at.ed.63321170516	
CAPÍTULO 17.....	162
PERCEPÇÕES DE MÉDICOS E ENFERMEIROS DA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA ACERCA DO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL EM SERVIÇOS DE SAÚDE	
Cristiane Aragão Santos	
Ana Paula Ferreira Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.63321170517	
CAPÍTULO 18.....	177
PROJETO REVIVER - CENTRO DE ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO, ESPORTE E CULTURA PARA A PESSOA COM DEFICIÊNCIA EM TOCANTINS	
Soraia Maria Tomaz	

Raphael Cota Couto

DOI 10.22533/at.ed.63321170518

CAPÍTULO 19..... 185

RELAÇÕES DE AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE COM PESSOAS COM TRANSTORNO MENTAL E FAMILIARES

Zaira Letícia Tisott

Leila Mariza Hildebrandt

Keity Laís Siepmann Soccol

Aline Kettenhuber Gieseler

Marinês Tambara Leite

DOI 10.22533/at.ed.63321170519

CAPÍTULO 20..... 198

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA INFANTIL: UMA ANÁLISE DE DADOS DE NOTIFICAÇÃO E DE ESTRATÉGIAS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA

Elisabete Calabuig Chapina Ohara

Evanice de Jesus Santos

Giovana Ornelas Bassanelli

Luísa Cristina Azevedo Folli

Samara Silva de Alcantara

Victória Alves da Silva

DOI 10.22533/at.ed.63321170520

SOBRE A ORGANIZADORA..... 216

ÍNDICE REMISSIVO..... 217

CAPÍTULO 19

RELAÇÕES DE AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE COM PESSOAS COM TRANSTORNO MENTAL E FAMILIARES

Data de aceite: 01/05/2021

Zaira Letícia Tisott

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(UFRGS)
Porto Alegre/ RS.
<http://lattes.cnpq.br/7509542762359972>

Leila Mariza Hildebrandt

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Palmeira das Missões/ RS.
<http://lattes.cnpq.br/8447333498388101>

Keity Laís Siepmann Soccol

Universidade Franciscana (UFN)
Santa Maria/ RS.
<http://lattes.cnpq.br/8288461290333674>

Aline Kettenhuber Gieseler

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Palmeira das Missões/ RS.
<http://lattes.cnpq.br/75231498856325798>

Marinês Tambara Leite

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Palmeira das Missões/ RS.
<http://lattes.cnpq.br/9129475921495186>

RESUMO: Objetivo: apreender a percepção de Agente Comunitários de Saúde relacionada às pessoas com transtorno mental e familiares assistidas no território de uma Estratégia de Saúde da Família. **Método:** estudo qualitativo, exploratório e descritivo, realizado com oito Agentes Comunitários de Saúde de uma Estratégia de Saúde da Família, localizada no

Rio Grande do Sul, Brasil. Utilizou-se entrevista semiestruturada. Foi realizada análise de conteúdo temática. **Resultados:** Emergiram as categorias: o transtorno mental e a relação com a terapêutica medicamentosa, a relação com a família das pessoas com transtorno mental e vislumbrando possibilidades para promover a saúde mental. **Conclusão:** o estudo aponta para a necessidade capacitação dos profissionais de saúde ao assistirem as pessoas com transtorno mental, bem como aos seus familiares. Ainda, infere a importância de práticas de cuidado que visem a implementação de ações de cuidado em saúde mental que envolvam os profissionais, as pessoas com transtorno mental e os familiares. **PALAVRAS - CHAVE:** Saúde mental; Transtornos mentais; Agentes comunitários de saúde; Estratégia saúde da família; Relações interpessoais.

RELATIONSHIPS OF COMMUNITY HEALTH AGENTS WITH PEOPLE WITH MENTAL AND FAMILY DISORDERS

ABSTRACT: Objective: to apprehend the perception of Community Health Agents related to people with mental disorders and family members assisted in the territory of a Family Health Strategy. **Method:** qualitative, exploratory and descriptive study, carried out with eight Community Health Agents of a Family Health Strategy, located in Rio Grande do Sul, Brazil. Semi-structured interviews were used. Thematic content analysis was performed. **Results:** The categories emerged: mental disorder and the relationship with drug therapy, the relationship

with the family of people with mental disorder and envisioning possibilities to promote mental health. **Conclusion:** the study points to the need for training of health professionals when assisting people with mental disorders, as well as their families. Still, it infers the importance of care practices aimed at implementing mental health care actions that involve professionals, people with mental disorders and family members.

KEYWORDS: Mental health; Mental disorders; Community health workers; Family health strategy; Interpersonal relations.

INTRODUÇÃO

O modelo de atenção em saúde mental vem sofrendo diversas modificações nos últimos anos, as quais preveem ações de inclusão social, cidadania e autonomia das pessoas com transtornos mentais. Tais modificações resultaram na promulgação da Lei Nº. 10.216/2001, conhecida como a Lei da Reforma Psiquiátrica, que garante a proteção e direitos dessa população e tem como proposta redefinir o modelo assistencial em saúde mental, estabelecendo diretrizes para a assistência prestada aos usuários com transtornos mentais, bem como aos seus familiares (BRASIL, 2001).

A reforma psiquiátrica no Brasil reafirmou as diretrizes básicas que garantem às pessoas com transtorno mental à desinstitucionalização, a universalidade de acesso e o direito à assistência (OLIVEIRA; SANTOS; GUERRA, 2019). Ainda, têm como finalidade fomentar os questionamentos acerca do modelo manicomial e a elaboração de propostas de cuidados em serviços comunitários (AMARANTE, 2016).

Em se tratando de cuidados nos serviços de base territorial, tem-se as Estratégias Saúde da Família (ESF), que se constituem em importantes espaços de intervenção em saúde mental, devido à proximidade com os usuários e pela possibilidade de acompanhá-los em seus locais de convívio (GRYSCHER; PINTO, 2015). Esses serviços são constituídos por equipes multiprofissionais, e dentre esses destaca-se os Agentes Comunitários de Saúde (ACS). Esse profissional é fundamental devido a posição que ocupa concomitantemente, de ser um profissional de saúde e de ser morador da comunidade (SAFFER; BARONE, 2017).

Os ACS desenvolvem ações centrais na identificação, no acolhimento e na orientação das pessoas com transtorno mental que residem na comunidade. Normalmente a população procura os ACS para solicitar uma informação ou buscar solução para os problemas de saúde que necessitam (BORGES; DUARTE, 2016).

O ACS tem como atribuição desenvolver ações de promoção e prevenção da saúde através de ações educativas, integrando a equipe de saúde e a população adscrita (BRASIL, 2017). Isso vai ao encontro de evidências científicas que apontam que o ACS está em contato direto com as pessoas que compõem seu território de abrangência e tem a capacidade de identificar e acompanhar casos de transtornos mentais (TILAHUN et al, 2017).

Torna-se relevante dar voz aos ACS, ao permitir que esses reflitam sobre as relações com pessoas com transtornos mentais e seus familiares, na medida em que o modo como ocorrem as relações podem interferir no processo de trabalho da ESF. Ainda, ressalta-se que a atuação dos ACS com pessoas com transtorno mental dependem diretamente de ações de educação permanente em saúde, na qual o enfermeiro é um dos profissionais responsáveis por desenvolver essa ação.

Diante da importância do papel que esse profissional exerce para as pessoas com transtorno mental e seus familiares, bem como a compreensão dessas relações em base territorial questiona-se: como os Agentes Comunitários de Saúde percebem as relações com as pessoas com transtorno mental e seus familiares do seu território? Para isso objetivou-se: apreender a percepção de Agentes Comunitários de Saúde ao se relacionarem com pessoas com transtorno mental e seus familiares.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória. A pesquisa qualitativa visa o estudo das relações, do entendimento, dos valores, das percepções e das opiniões que as pessoas interpretam e exercem a respeito de como vivem, percebem e pensam (MINAYO, 2014). Nesse sentido, a mesma permitiu aos Agentes Comunitários de Saúde compreender como estabelecem as relações com as pessoas com transtorno mental e seus familiares.

A pesquisa foi desenvolvida em uma ESF, localizada em um município do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Esse serviço tem aproximadamente 4.500 pessoas cadastradas em seu território, dessas 150 possuem algum tipo de transtorno mental. A escolha desse cenário ocorreu por meio de sorteio, dentre aqueles serviços que possuíam um elevado número de pessoas com transtornos mentais cadastradas.

A ESF possui uma equipe multiprofissional, composta por médico clínico geral, médico pediatra, dentista, auxiliar de saúde bucal, técnico de enfermagem, enfermeiro, agente epidemiológico e por oito ACS. Atende as famílias adscritas em seu território, por demanda espontânea visando a promoção da qualidade de vida e prevenção de agravos à saúde da população.

Os participantes da pesquisa foram oito ACS que constituíam a equipe da ESF. Como critérios de inclusão, elencou-se aqueles que atuavam no serviço com um período mínimo de seis meses, período esse que possibilita aos ACS possuírem vivências e conhecimento das pessoas com transtorno mental e dos seus familiares. E, os critérios de exclusão foram aqueles que estivessem em licença à saúde ou maternidade no momento da produção dos dados. Não houve exclusão de nenhum participante.

Para a produção dos dados utilizou-se a entrevista semiestruturada, por meio da qual os participantes tiveram a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. Para

que as entrevistas deste estudo alcançassem os objetivos propostos, elaborou-se as questões norteadoras: Qual a sua percepção relacionada às pessoas com transtorno mental acompanhadas em seu território? Como você percebe as pessoas com transtorno mental? E, como ocorrem as relações com as pessoas com transtorno mental seu território de atuação?

As entrevistas ocorreram individualmente em uma sala reservada na ESF, entre os meses de junho a agosto de 2017, na qual foram previamente agendadas conforme a disponibilidade dos ACS. As entrevistas foram gravadas em um gravador digital, conforme autorização prévia dos participantes. A duração das entrevistas foi em torno de 55 minutos cada uma.

Utilizou-se a Análise Temática para a análise dos dados, que é composta por dois momentos de interpretação. O primeiro momento contempla o mapeamento do campo das determinações fundamentais na fase exploratória, que faz referência ao contexto histórico do grupo social estudado. Já o segundo, compreende a convergência com os fatos empíricos, que se encontra nos relatos dos participantes o sentido, a lógica interna, as projeções e as interpretações do grupo e que possui um significado cultural (MINAYO, 2014).

Para a operacionalização do segundo momento seguiu-se os seguintes passos: pré-análise, exploração de material e tratamento dos resultados obtidos e interpretações.⁹ Após a interpretação dos dados, fundamentou-se a discussão com a literatura científica relacionada à temática do estudo.

Foram respeitados os preceitos éticos da Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012). A pesquisa teve a aprovação do comitê de ética sob número do parecer 2.054.423 e CAEE 67271517.1.00005346. Para garantir o anonimato das participantes foi utilizada a sigla 'ACS', que representa as letras iniciais das palavras Agentes Comunitários de Saúde, seguida de um numeral que corresponde a ordem em que as entrevistas foram realizadas (ACS1, ACS2, ACS3, e assim sucessivamente).

RESULTADOS

Participaram da pesquisa oito ACS, sendo que todos eram do sexo feminino e com idade entre 23 e 52 anos. No que tange ao estado civil e escolaridade respectivamente, a maioria eram casadas e haviam concluído o ensino médio. O tempo de atuação na ESF compreendeu o período de 4 à 16 anos.

A partir análise dos depoimentos elaborou-se três seguintes categorias temáticas: o transtorno mental e a relação com a terapêutica medicamentosa, a relação com a família das pessoas com transtorno mental e vislumbrando possibilidades para promover a saúde mental.

O transtorno mental e a relação com a terapêutica medicamentosa

As ACS compreendem que o cotidiano das pessoas com transtorno mental está baseado no excesso do uso de psicofármacos. Assim, demonstram preocupação com as mesmas, e percebem a medicalização como algo negativo devido aos seus efeitos adversos bem como, pela repercussão desses na vida social dessas pessoas, que as deixa excluídas do convívio social:

É muita medicação! A medicação dá muito sono. Eles ficam tipo “drogado”(ACS2).

Ela parece assim um robô. Ela só dorme! Ela tem crise de choro. Ela engordou um monte por causa da medicação. Ela está assim, totalmente dependente da medicação (ACS1).

Tenho preocupação com a quantidade de remédio que ela toma. Não consegue muitas vezes reagir, por causa do efeito da própria medicação (ACS3).

Eu acredito que é muita medicação! Chega a um ponto que a pessoa não consegue nem levantar para tomar um copo de água, de tanta medicação! [...] ele não ouve a metade do que eu falo. É uma pessoa que parece que está dormindo. Assim ele fica (ACS7).

Em contrapartida ao excesso de medicalização, as ACS também vivenciam no seu cotidiano a não adesão medicamentosa pelas pessoas com transtorno mental. A não adesão medicamentosa, que se expressa pela manifestação dos sinais e sintomas, gera consequências negativas nas relações familiares, o que pode ser evidenciado a seguir:

Ele (pessoa com transtorno mental) é uma criança. Parou de tomar as medicações, parou tudo, do nada! Agora ele tá agressivo. Ele foge! Daí a mãe dele surra (agríde) ele. Ele não quer ir no CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), não quer seguir o tratamento (ACS2).

Ele parou de tomar a medicação, e ele não consegue ficar dentro de casa. Ele foge no momento que ele não usa medicação, e o pai dele se preocupa muito. Tem que trancar as portas para ele não sair (ACS4).

Ainda no que tange à terapêutica medicamentosa, as ACS relatam que as pessoas adscritas do seu território consomem psicofármacos de modo excessivo. Expressam que, em algumas situações a medicalização é desnecessária, e que poderia ser evitada:

Eles não queriam sentir tristeza, e às vezes isso é natural da gente. Tem dias que a gente tá mais para baixo, tem dias que não tá. E muitas vezes querem esquecer os problemas com a medicação (ACS3).

[...] deu problema no namorico lá com a menina ou o guri (menino), fica uma

semana dentro do quarto, triste e amargurado. Porque daí tem que levar para o CAPS, porque meu filho fica só dentro do quarto (ACS7).

Diante do exposto, essa categoria evidencia que as ACS percebem que as pessoas com transtorno mental usam de modo excessivo as medicações, e por vezes essas julgam ser um uso desnecessário, o que nos permite refletir acerca do conhecimento e da capacitação que as ACS possuem para identificar que esse uso é de fato desnecessário e o quanto isso pode interferir nas orientações em saúde que elas fornecem às famílias. Já no que tange à não adesão do uso de medicamentos, as ACS expressam preocupação com os familiares.

A relação com a família das pessoas com transtorno mental

Ao se relacionarem com pessoas com transtorno mental e com os seus familiares, as ACS verbalizam a importância da presença e do apoio da família junto à pessoa que possui transtorno mental. Relatam a dificuldade que a família possui para compreender as singularidades do familiar com transtorno mental, o que faz com que essas pessoas, por vezes, vivam sozinhas, sejam abandonadas e até mesmo excluídas do convívio familiar:

A gente sempre tenta explicar e fazer eles (familiares da pessoa com transtorno mental) entenderem a importância de a família ajudar em um caso desses. Se a família não ajudar, não der suporte, a pessoa não sai do problema, da depressão (ACS1).

Tem família que tu encontra e que se importam com aquela pessoa. E tem outra que é uma dificuldade de conseguir. Às vezes você agenda consulta, e chega no dia ninguém leva. Ninguém acompanha. Aí você chega lá para saber da medicação, ninguém sabe nada [...] muitas vezes eu tentei conversar com a família, que eles têm que ter um cuidado em relação a ele (pessoa com transtorno mental), e a falar com ele também. Essa distância deixa ele mais aflito, mais ansioso (ACS4).

[...] o filho (da pessoa com transtorno mental) mora aqui na cidade e quando vem é uma vez por mês. As pessoas vivem sozinhas. Elas e a casa. Então se envolvem com as coisinhas da casa e ficam isoladas (ACS7).

É muito difícil de a gente chegar na família deles. Os familiares não entendem o que eles (as pessoas com transtorno mental) estão vivendo, o que estão passando. Achem que estão fazendo aquilo ali para chamar a atenção (ACS8).

Quanto às relações interpessoais entre as ACS e a família, revela-se que em alguns momentos essas são desarmoniosas, o que pode estar relacionado à carência de informações sobre as funções das ACS e aos tabus existentes relacionados aos transtornos. Para a família, o ACS excede o seu papel:

A família, parece que eles não aceitam, de tu chegar e conversar sobre o sofrimento daquela pessoa. Não acreditam no sofrimento, ou que pode acontecer alguma coisa (suicídio) (ACS6).

A família é bem difícil, porque eles não aceitam a doença. E tem uns familiares que acham que você está se metendo: "Tu tá se metendo muito"! Tem uns familiares que acham que isso não é trabalho em saúde (ACS5).

Por outro lado, quando a família estabelece uma relação de vínculo com os ACS, e se sentem à vontade para verbalizar sobre seus sentimentos, os familiares demonstram uma dinâmica familiar permeada pela sobrecarga emocional, permeada pela exaustão e tristeza. Nesse sentido, as ACS fornecem apoio e um momento de escuta para ajudar os familiares:

Aquele dia que eu fui lá, a mãe chorou, chorou, chorou. Eu fiquei lá uma hora e pouco, e ela só chorava. Chorava, e a gente tem que escutar, às vezes a gente mais escuta do que fala. Então tu vê que tu às vezes consegue ajudar a família (ACS2).

A mãe enlouqueceu um dia, ela literalmente surtou, e ela é uma mulher bem calma. Eu vinha vindo e ela assim: "eu vou ter um troço hoje, eu tenho vontade de morrer". E daí ela me relatou tudo, a trajetória que ela vem (ACS7).

[...] cheguei na casa e a mãe estava chorosa. E a gente viu que ela tá com um sofrimento. Ela tá sofrendo muito. E, há pouco tempo ela perdeu o esposo. E daí eu conversei com ela, disse que ela tinha que dar a volta por cima (ACS8).

Essa categoria desvela que as relações entre as ACS nem sempre é harmoniosa com a família. Por vezes a família interpreta a ação do ACS como excedendo a sua função, o que denota a necessidade de elucidação do papel assumido por esses profissionais. Entretanto, quando há a compreensão do papel das ACS e estabelecimento de relações de vínculo a família as ACS fornecem apoio emocional.

Vislumbrando possibilidades para promover a saúde mental

No seu cotidiano as ACS percebem a importância de outras alternativas de cuidado, para além da terapêutica medicamentosa, com vistas à promoção da saúde mental. Inferem a importância de espaços que proporcionem momentos de escuta, da inserção e participação das pessoas em grupos terapêuticos, de convívio social e da prática de exercícios físicos e atividades de lazer.

Está tomando medicação, mas eu acho que ele (pessoa com transtorno mental) precisava ir em uma psicóloga. É muita medicação e pouco ouvir [...] tem que tentar diversificar, fazer grupos. Só medicação, eu não sei se isso vai resolver (ACS7).

[...] o tal de exercício físico, as crianças hoje, ninguém quase mais faz exercício físico. Eu digo uma caminhada, correr, brincar, o que as crianças faziam antigamente. Passam o tempo todo no celular e essas coisas aí vai deprimindo também (ACS7).

Ela (pessoa com transtorno mental) tinha que entrar nos grupos, tentar fazer caminhada, sair, tomar chimarrão, tentar não ficar muito tempo sozinho dentro de casa, porque senão só pensa besteira. [...] A gente tem que estar ocupado com alguma coisa, crochê, no meu caso tricô, costura. A gente tem que tá envolvido. (ACS8).

Nesse contexto, as ACS reconhecem a importância da criação de um espaço de escuta para as pessoas com transtorno mental bem como, aos familiares. Além disso, estimulam as pessoas do território a desenvolverem atividades que promovam a saúde mental e o convívio social com os demais, incentivando a inserção social conforme depoimentos a seguir:

A colega (ACS) pensou em formar um grupo e a gente fazer alguns trabalhos para eles terem aonde ir, eles têm vontade de falar, eles querem contar tudo que eles têm saudade do neto, que o cachorro está doente, que eles se sentem sozinhos, que a noite não foi boa para dormir (ACS7).

Os homens tem que trabalhar com uma horta. Animo eles: "vai lá e faz um canteirinho de flor para a tua esposa, agrada ela!" (ACS8).

Conforme exposto observa-se que a atuação das ACS prevê um cuidado que transcende o modelo tradicional, na qual expressam a importância de ações individuais e coletivas que possam contribuir para a promoção da saúde mental das pessoas do seu território. Desse modo, as ACS atuam de acordo com o que está previsto na Reforma Psiquiátrica, desenvolvendo ações e âmbito territorial e incentivando o convívio social.

DISCUSSÃO

As ACS desempenham uma função de elo entre os usuários e os serviços de saúde, pois configuram-se como atores importantes para a implementação do cuidado psicossocial com base no território. As visitas domiciliares realizadas por esses profissionais funcionam como uma importante ferramenta de cuidado extramuros, que os possibilita perceberem a maioria das demandas de saúde mental existentes na comunidade (CAMPOS; BEZERRA; JORGE, 2020).

No entanto, os profissionais de saúde ainda atuam sob a lógica de identificar as pessoas com transtornos mentais por meio de sinais e sintomas que essas manifestam. Isso evidencia as fragilidades na formação que eles possuem no que tange ao conhecimento do que é um transtorno mental (BARROS et al., 2019). Capacitar esses trabalhadores expande a resolução dos problemas de saúde e na atenção básica (CAMPOS; BEZERRA;

JORGE, 2020).

A pessoa com transtorno mental, é percebida pelos profissionais de saúde como sendo àquela que tem limitações, ou seja, que é impossibilitada de ser ou fazer algo, o que desvela o estigma social ainda presente acerca da doença mental (BARROS et al., 2019). Sabe-se que, no modelo da atenção psicossocial territorial, o objeto de intervenção se desloca da doença para o sujeito em sofrimento psíquico. Para que ocorra o modelo de cuidado da atenção psicossocial territorial há a necessidade de romper com a intervenção unicamente sobre doença, mas de centrar na pessoa em sofrimento psíquico (CAMPOS; BEZERRA; JORGE, 2020).

Além disso, há uma preocupação quanto ao excesso do uso de psicofármacos, que é percebida pelos ACS como algo desnecessário. Essa situação vai ao encontro de um estudo que aponta que a dificuldade da terapêutica medicamentosa está relacionada à carência de informações sobre as fases dos transtornos mentais, das indicações terapêuticas e até mesmo dos efeitos que as medicações podem ocasionar (ALCANTARA et al., 2020). Nesse sentido, infere-se a importância do enfermeiro desenvolver ações de educação permanente em saúde com os ACS, tendo em vista a necessidade de qualificar a assistência prestada.

É imprescindível romper com a finalidade medicamentosa como sendo aquela dominante, para que se possa visualizar o usuário como o sujeito principal no seu tratamento. Entretanto, para que isso ocorra há a necessidade de compreensão da complexidade do processo saúde-doença pela família e sociedade (CAMPOS; BEZERRA; JORGE, 2020).

Na área da saúde mental alguns problemas que fazem parte da vivência humana, passaram a ser reconhecidos como doenças. E a partir disso, tratadas com medicamentos (SANTOS; ZAMBENEDETTI, 2019).

A não adesão medicamentosa, além de interferir na saúde da pessoa que possui um transtorno mental, repercute também na dinâmica da família. Os familiares manifestam esgotamento emocional, cansaço e tristeza. Assim, essas famílias apresentam vulnerabilidades psicossociais, bem como quando as relações entre os seus membros são frágeis ou inexistentes, tem-se uma sobrecarga dos cuidadores (CATTANI, 2020).

Os familiares vivenciam situações de sofrimento e desgaste em diferentes esferas, que envolvem as perdas físicas, emocionais e nas relações sociais. Quando o familiar cuida do seu ente, a sobrecarga resultante do cuidado afeta sua saúde física e mental (BATISTA, 2020). Nesse contexto, é imprescindível que os profissionais de saúde desenvolvam práticas de cuidado direcionadas aos familiares, pois esses também podem vir a adoecer ou até mesmo abandonar o familiar que possui transtorno mental.

É comum as pessoas com transtorno mental serem abandonadas pelos seus familiares devido às consequências da doença, ou até mesmo pela dificuldade de convívio com o seu ente, já que por vezes, a pessoa com transtorno mental tem dificuldades de se ajustar à dinâmica da família (BARROS et al., 2019). As famílias que apresentam

dificuldades em compreender as singularidades da pessoa com transtorno mental necessitam de apoio dos profissionais de saúde, que pode ser por meio da ampliação do conhecimento sobre o manejo e a manutenção das relações familiares.

A carência de informações dificulta o relacionamento dos familiares com o seu ente, e até mesmo com os profissionais de saúde. Isso é evidenciado quando os familiares expressam que os ACS não estão exercendo o seu papel corretamente. No entanto, esses profissionais assumem um importante papel no território, pois são capazes de identificar, acolher e orientar as pessoas com transtorno mental e seus familiares. Nesse sentido, eles têm a capacidade de mediar as ações de cuidado à saúde mental entre a ESF e a comunidade (BORGES; DUARTE, 2016).

As práticas de cuidado em saúde no âmbito territorial têm o potencial de facilitar a inserção e a aceitação das pessoas com transtorno mental na comunidade. Destarte, essas ainda estão pautadas no modelo asilar, com ações que são desenvolvidas no próprio serviço e que tem a finalidade de medicar a pessoa para tratar os sintomas do transtorno. As práticas que reportam a um cuidado intramuros, divergem da proposta da reforma psiquiátrica (CAMPOS; BEZERRA; JORGE, 2020).

Contudo, para que os serviços desempenhem um papel de cuidado às pessoas que possuem transtorno mental e aos familiares, é imprescindível o desenvolvimento de práticas que vislumbrem a promoção da saúde mental no território. Assim, ações que proporcionem espaços de interação e diálogo se tornam fundamentais para o cuidado (BARROS et al., 2019).

Dentre as sugestões de práticas de cuidado percebidas como importantes para as ACS, está o desenvolvimento de grupos que permitam momentos de escuta, da inserção de pessoas com transtorno mental e seus familiares em grupos terapêuticos, da prática de exercícios físicos, de convívio social e de atividades de lazer. Estudos evidenciam que grupos terapêuticos colaboram para a diminuição do estigma que existe acerca do adoecimento mental. Ainda, impulsionam a promoção e prevenção em saúde mental com a utilização de tecnologias leves de cuidado (BRUNOZI et al., 2019; BARROS et al., 2019). Cabe aos enfermeiros planejar essas ações de cuidado e auxiliar as ACS.

Os grupos terapêuticos de convivência reduzem o estigma, ao promover o envolvimento das pessoas em sofrimento psíquico com a comunidade, por possibilitar o compartilhamento de sentimentos e discutir esse tema em um espaço desprendido de preconceitos. Além disso, reduz a demanda por atendimentos individuais já que os profissionais percebem as demandas de saúde mental e já realizam as intervenções (BRUNOZI et al., 2019).

O estabelecimento de relações pautadas na intersubjetividade é um ponto importante para o cuidado em saúde mental na ESF, o qual implica em mais investimentos pela equipe de saúde (CAMATTA; TOCANTINS; SCHNEIDER, 2016). O cenário da saúde mental necessita de uma transformação urgente em prol de um modelo que priorize a reflexão

dos profissionais de saúde, como modo de forma de solidificar novas ações (CAMPOS; BEZERRA; JORGE, 2020). A ESF é um espaço essencial de cuidado psicossocial que também precisa do apoio dos demais serviços da rede de saúde mental para o adequado acompanhamento da população (CARVALHO; DUARTE; GLANZNER; 2020).

Por fim, nota-se que ainda há o predomínio de um cuidado centrado na medicalização dos sintomas da pessoa com transtorno mental. Sendo assim, é imprescindível o desenvolvimentos de ações que envolvam os usuários e a família, com a intencionalidade de promover a saúde mental das pessoas do território das ESF. Somente assim, é possível desenvolver um cuidado extramuros, que vai ao encontro da proposta da Reforma Psiquiátrica.

CONCLUSÃO

O estudo permitiu apreender a percepção de ACS relacionadas às pessoas com transtorno mental e aos seus familiares assistidos no território de uma Estratégia de Saúde da Família, apontando a necessidade de capacitação dos profissionais de saúde ao assistirem as pessoas com transtorno mental e aos familiares.

Ainda, identificou que os ACS percebem a cultura do excesso de medicalização pelas pessoas no território, e isso é corroborado diante da percepção de que as pessoas com transtornos mentais são vistas como pessoas limitadas. Ademais, apontou que a não adesão medicamentosa pela pessoa com transtorno mental interfere na dinâmica das famílias, levando à exclusão social dos usuários.

Também, evidenciou a vulnerabilidade psicossocial que o cotidiano do cuidado à pessoa com transtorno mental ocasiona para a família. Destaca-se a sobrecarga emocional das famílias, o que desperta a importância de um cuidado singular às mesmas. Nesse sentido, a implementação de práticas de cuidado individuais ou coletivas que vislumbrem a promoção da saúde mental das pessoas no território por meio da criação de espaços de escuta, de espaços de convivência e de grupos terapêuticos mostram-se como possibilidades de cuidado identificadas pelos ACS. No entanto, isso exige compreensão dos gestores e o envolvimento de toda a equipe de saúde, já que essas ações demandam planejamento e tempo.

O papel do ACS não é compreendido adequadamente pelos familiares. Assim, ações de educação em saúde que ampliem o conhecimento acerca das funções dos ACS se mostram fundamentais para o fortalecimento das ações e do estabelecimento de relações de empatia com as pessoas do território. É necessário que a população compreenda que os ACS atuam por meio da escuta, do diálogo e que fornecem orientações em saúde às pessoas visando à promoção da saúde e prevenção de agravos.

Este estudo apresenta limitações em decorrência de ter sido realizado somente com os ACS de uma única ESF. Assim, sugere-se o desenvolvimento demais necessidade de

pesquisas, em outros serviços de base territoriais, que contemplem os usuários, familiares e profissionais de saúde para que possam discutir sobre as necessidades de saúde mental e a possibilidade de implementação de estratégias para a criação de espaços de promoção da saúde.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm>.

OLIVEIRA, E.B.; SANTOS, M.B.; GUERRA, O.A. O trabalho como estratégia de reinserção psicossocial do dependente químico sob a ótica da família. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**. 2019; (21): 23-30. <http://dx.doi.org/10.19131/rpesm.0234>.

AMARANTE P. Loucos pela Vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro, Brasil: Fiocruz, 2016.

GRYSCHKEK, G.; PINTO, A.A.M. Saúde Mental: como as equipes de saúde da família podem integrar esse cuidado na atenção básica?. **Ciência & Saúde Coletiva**. 2015;20(10):3255-32. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152010.13572014>.

SAFFER, D.A.; BARONE, L.R. Em busca do comum: o cuidado do agente comunitário de saúde em Saúde Mental. **Physis Revista de Saúde Coletiva**.2017;27(3):813-833. <https://doi.org/10.1590/s0103-73312017000300022>.

BORGES, S.A.C.; DUARTE, M.J.O. Surfando no controle: os lugares que os agentes comunitários ocupam na produção de saúde mental. **Saúde debate**. 2017;41(114):920931. <https://doi.org/10.1590/0103-1104201711420>.

BRASIL. Portaria nº 2.436 de 21 de setembro de 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). **Brasília: Ministério da Saúde**, 2017. Disponível em: <<http://www.foa.unesp.br/home/pos/ppgops/portaria-n-2436.pdf>>.

TILAHUN, D.; HANLON, C.; ARAYA, M.; DAVEY, B.; HOEKSTRA, R.A.; FEKADU, A. Training needs and perspectives of community health workers in relation to integrating child mental health care into primary health care in a rural setting in sub-Saharan Africa: a mixed methods study. *International Journal of Mental Health Systems*. 2017;11(15):1-11. <https://doi.org/10.1186/s13033-017-0121-y>

MINAYO, M.C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. (10ªed.) São Paulo, Brasil: Hucitec, 2014.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Disponível: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

CAMPOS, D.B.; BEZERRA, I.C.; JORGE, M.S.B. Produção do cuidado em saúde mental: práticas territoriais na rede psicossocial. **Trab. Educ. Saúde**. 2020;18(1):e0023167. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00231>.

BARROS, S.; NÓBREGA, M.P.S.S.; SANTOS, J.C.; FONSECA, L.M.; FLORIANO, L.S.M. Saúde mental na atenção primária: processo saúde-doença, segundo profissionais de saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**. 2019; 72(6):1687-95. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0743>

ALCANTARA, C.B.; FERREIRA, A.C.Z.; CAPISTRANO, F.C.; KALED, M.; VALE, C.C.F.; MAFTUM, M.A. Conhecimento da pessoa com transtornos mentais sobre o tratamento medicamentoso. **Revista de Enfermagem da UFSM**. 2020;10(24):1-20. <https://doi.org/10.5902/2179769238607>

SANTOS, R. B.; ZAMBENEDETTI, G. Compreendo o processo de medicalização contemporânea no contexto da saúde mental. **Salud & Sociedad**. 2019; 10(1):22-37. <https://doi.org/10.22199/S07187475.2019.0001.00002>

CATTANI, N.A.; RONSANI, A.P.V.; WELTER, L.S.; MELLO, A.L.; SIQUEIRA, D.F.; TERRA, M.G. Família que convive com pessoa com transtorno mental: genograma e ecomapa. **Revista de Enfermagem da UFSM**. 2020; 10(6):1-19. <https://doi.org/10.5902/2179769236517>

BATISTA, E.C. Experiências vividas pelo cônjuge cuidador da esposa em tratamento psiquiátrico. **Fractal: Revista de Psicologia**. 2020;32(1):31-39. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i1/5646>

BRUNOZI, N.A.; SOUZA, S.S.; SAMPAIO, C.R.; MAIER, S.R.O.; SILVA, L.C.V.G.; SUDRÉ, G.A. Grupo terapêutico em saúde mental: percepção de usuários na atenção básica. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. 2019;40(e201900080):1-9. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2019.20190008>.

CAMATTA, M.W.; TOCANTINS, F.R.; SCHNEIDER, J.F. Ações de saúde mental na Estratégia Saúde da Família: Expectativas de familiares. **Escola Anna Nery**. 2016;20(2):281-288. <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20160038>.

CARVALHO, J.; DUARTE, M.L.C.; GLANZNER, C.H. Cuidado em saúde mental infantil no contexto da Estratégia da Saúde da Família: estudo avaliativo. **Rev Gaúcha Enferm**. 2020;41(esp):e20190113. doi: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20190113>.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 5, 55, 56, 124, 125, 149, 164, 172

Agente comunitário de saúde 42, 50, 51, 52, 56, 196

Aprendizagem 5, 6, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 48, 182

Assistência 7, 8, 9, 2, 3, 4, 6, 7, 34, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 62, 69, 70, 87, 100, 103, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 117, 124, 125, 127, 129, 149, 150, 163, 170, 171, 181, 186, 193, 200, 201, 203, 210, 211, 212

Atenção Secundária 8, 106, 109, 110, 127

Autocuidado 5, 8, 5, 25, 27, 28, 29, 30, 34, 37, 38, 39, 72, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 113, 137

C

Câncer de mama 76, 77, 78, 79, 83, 84

Cuidados da saúde 4

D

Deficiência 168, 177, 178, 179, 181, 182, 183, 184, 201, 204

Dermatologia 15, 125, 127, 128, 130, 213

Diabetes mellitus (DM) 28

Diagnóstico 9, 10, 23, 30, 32, 34, 35, 37, 38, 55, 56, 57, 58, 61, 76, 78, 82, 83, 84, 100, 103, 104, 108, 109, 113, 115, 119, 120, 141, 152, 154, 155, 157, 159, 169, 202, 211, 215

Doenças Transmitidas por Alimentos e de Veiculação Hídrica (DTAH) 119

E

Educação em saúde 5, 8, 21, 25, 29, 49, 51, 100, 102, 104, 122, 157, 159, 195

Escala de Braden 8, 86, 97, 98

Estratégia 6, 8, 9, 8, 10, 11, 12, 13, 15, 17, 21, 26, 34, 35, 38, 40, 42, 49, 52, 57, 58, 59, 69, 71, 73, 77, 103, 107, 108, 109, 115, 118, 119, 120, 122, 132, 161, 162, 163, 164, 170, 173, 176, 185, 195, 196, 197, 201, 210

F

Frequência Alimentar 27, 31, 32

G

Grau de conhecimento 5, 6, 27, 30, 31, 33, 37

H

Hábitos Alimentares 28, 112

Hanseníase 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 127

Higienização das mãos 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7

I

Infecção Hospitalar 2, 3, 6

Interação Social 113, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Internações 6, 8, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 121, 167, 201

L

Lesão por pressão (LPP) 87

M

Mamografia 76, 78, 79, 82, 83, 84

Material Educativo 5, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 109

O

OMS 2, 3, 4, 5, 15, 61, 62, 69, 70, 71, 74, 75, 102, 202

P

Participação popular 9, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151

Pênfigo Vulgar (PV) 152, 154

Perfil Alimentar 6, 27, 30

Políticas de saúde da criança 200

Prática assistencial segura 6

Prática Educativa 18, 26

Prevenção 5, 3, 10, 11, 12, 16, 21, 28, 29, 39, 48, 56, 61, 76, 79, 83, 84, 87, 94, 95, 96, 97, 99, 101, 108, 109, 118, 119, 121, 122, 147, 153, 157, 163, 186, 187, 194, 195, 202, 204, 210, 211, 214

Q

Qualidade de vida 5, 27, 28, 37, 40, 41, 43, 46, 48, 50, 51, 52, 53, 72, 108, 109, 120, 136, 150, 151, 155, 157, 159, 184, 187, 211

S

Saúde Mental 9, 45, 46, 50, 52, 136, 139, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 185, 186, 188, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197

Segurança do paciente 2, 3, 6, 94

Serviços de saúde 5, 9, 3, 6, 16, 22, 37, 50, 56, 58, 61, 62, 69, 72, 73, 75, 83, 97, 100, 101, 109, 120, 124, 125, 126, 130, 146, 147, 150, 151, 162, 163, 172, 192, 201, 203, 204

Síndrome de Burnout 50, 52, 131, 132, 140, 141, 142

Sofrimento 40, 41, 42, 44, 50, 51, 87, 137, 167, 169, 171, 191, 193, 194

T

Terapias Complementares 61

Tratamento 9, 10, 19, 21, 24, 29, 30, 35, 37, 39, 40, 42, 50, 55, 56, 57, 58, 61, 87, 96, 100, 103, 104, 113, 121, 133, 150, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 165, 167, 169, 170, 171, 172, 174, 188, 189, 193, 197, 202, 211, 215

Tuberculose 7, 54, 55, 56, 57, 58, 59

U

Unidade de Saúde da Família 6, 27

Unidade de Terapia Intensiva 8, 86, 88, 94, 97, 99

V

Vigilância 8, 2, 7, 10, 87, 88, 97, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 198, 204, 211

Violência Infantil 198, 202, 203, 207, 208, 209, 211, 212

A CONSTRUÇÃO DO CAMPO DA

Saúde Coletiva

www.arenaeditora.com.br 

contato@arenaeditora.com.br 

[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora) 

www.facebook.com/arenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021

A CONSTRUÇÃO DO CAMPO DA

Saúde Coletiva

www.arenaeditora.com.br 

contato@arenaeditora.com.br 

[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora) 

www.facebook.com/arenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021